

# **PSICOFOBIA: ENFRENTANDO OS TRANSTORNOS MENTAIS E O PRECONCEITO NO BRASIL**

Ananda Carla de Freitas Silva  
Viktória Laís Alves da Hora

## **RESUMO**

Percebe-se que no decorrer da história os indivíduos com transtornos mentais foram e são vistos pela sociedade como anormais, alienados, pessoas especiais ou fora da realidade, perigosos e incapazes e desde a antiguidade são vitimados pelo preconceito e pelo estigma. Assim, por meio dessa evolução histórica, bem como da evolução sobre a visão da saúde mental, denomina-se, atualmente, todos aqueles que possuem algum tipo de preconceito com portadores de doenças mentais, como psicofóbicos, trazendo assim ao nosso cotidiano a neologia da psicofobia. Tal conceito é relativamente novo, mas o assunto já discutido a bastante tempo ao tornar imprescindível analisar o advento da noção de psicofobia na contemporaneidade para que, ações realizadas no campo da saúde mental, mais do que o cuidado, visam um bom controle; mais do que o combate ao preconceito, objetivam a adaptação a um determinado modelo de sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicofobia. Enfrentamento. Transtorno Mental.

## **1. Introdução**

É notória a percepção que os indivíduos com transtornos mentais foram e são vistos pela sociedade como anormais, alienados, pessoas especiais ou fora da realidade, perigosos e incapazes e, desde a antiguidade, são vitimados pelo preconceito e pelo estigma. Essa mentalidade contribui para que essas pessoas não recebam os devidos cuidados e atenção e, por conseguinte, atrapalha o exercício pleno do direito maior de cidadania, tirando-lhes o direito de serem vistos como alguém que pode exteriorizar o seu sofrimento psíquico. (COLVERO, 2004)

Entende-se que na mesma via do preconceito caminha o estigma, que se caracteriza pelas marcas, sinais e traços visíveis ou imaginários que distinguem e delimitam o campo de atuação do “eu e do outro” e podem impor atenção ou afastar os que estão ao seu entorno. (SOARES, 2009)

Desse modo, a história conta que as pessoas com transtornos mentais eram vistas como verdadeiras perturbadoras da moral do corpo social por serem consideradas transgressores sociais, por isso deveriam ser banidas do meio comum, nascendo aqui o que futuramente foi chamado de psicofobia. (LIMA, 2006)

O termo psicofobia surgiu por meio de uma parceria entre o humorista Chico Anysio e a Associação Brasileira de Psiquiatria, em 2011. Anysio, que tinha depressão e sempre defendeu abertamente os cuidados com a saúde mental, viu a necessidade de dar um nome ao preconceito contra portadores de transtornos mentais. (ABP, 2011)

Sendo assim, percebe-se que o conceito é relativamente novo, mas o assunto já é falado a muito tempo o que torna imprescindível analisar o advento da noção de psicofobia na contemporaneidade para que, ações realizadas no campo da saúde mental, mais do que o cuidado, visam um bom controle; mais do que o combate ao preconceito, objetivam a adaptação a um determinado modelo de sociedade.

## **2. O Surgimento do Preconceito: história da loucura**

Ouve-se falar em loucura desde os tempos da antiguidade romana e grega, vinculada a outras doenças relacionadas a prática mitológica e na crença motivada pelo sobrenatural envolvendo demônios e deuses. Um exemplo dessas práticas foi a trepanação, técnica usada para abrir um ou mais furos no crânio do indivíduo que se acreditava doente mental, isso permitia que espíritos malignos saíssem do seu corpo, muitas das vezes levando-o a morte. (MILLANIL, 2008)

Em "História da Loucura" de Michel Foucault, fomos apresentados ao que ele chama de “estrutura de exclusão” da loucura. Essa exclusão se inicia com o esvaziamento dos leprosários ao final da Idade Média, onde eram enclausurados todo tipo de doente, inclusive os loucos. Com o internamento nos antigos leprosários, os portadores de doenças venéreas e os loucos passam a compartilhar um espaço moral de exclusão, antecipando o fim do “grau zero” da história da loucura, época em que predominava uma diferenciação entre loucura e razão. (FREITAS, 2004)

No Brasil, a loucura fazia parte do convívio social desde o século XVI até o início do século XIX. A partir desse ponto, começou a ser reconhecida como desordem e perturbação da paz social, passando a ser apropriada pelo discurso religioso (VECHI, 2004). Progressivamente, os loucos foram sendo retirados do contexto social e isolados nos porões das Santas Casas de Misericórdia e nas prisões públicas. Para os médicos da época, entretanto, essa situação não resolvia o problema da loucura. A segregação, a falta de higiene e de um tratamento físico e moral adequado tornavam a cura impossível. Os

médicos, articulados com o então provedor da Santa Casa, José Clemente Pereira, começam a reivindicar a criação de um instrumento terapêutico específico para os loucos, o hospício. (MACHADO, 1978)

No início do século XX o país encontrava-se ainda na mesma (e talvez pior) situação que no século anterior, no que diz respeito às precárias condições de saneamento e saúde do povo brasileiro. Intelectuais e políticos reclamavam da Medicina pediram intervenções concretas por meio de um projeto profilático, com finalidade de erradicar, ou pelo menos minimizar, as inúmeras doenças infectocontagiosas que assolavam o país. Esse movimento, no âmbito da Medicina Geral, estava intimamente relacionado à questão da Higiene que, nos anos iniciais do século XX, estava revestido de ampla responsabilidade frente à realidade. (ANTUNES, 2012)

Percebe-se que no decorrer dos séculos, a loucura foi incorporando diversas designações. Chegou a ser encarada como uma ideia de animalidade, onde o homem louco era desprovido de racionalidade, de sensibilidade à dor e condenado a humilhação e sofrimento, excluindo-o totalmente do convívio social. Foi exatamente essa construção do que seria o louco e como essa perspectiva repercutiu na sociedade que fez nascer esse sistema excludente que gera o preconceito na atualidade. (LIMA, 2006)

### **3. A Exclusão e Sofrimento em Decorrência da Psicofobia**

O preconceito se caracteriza por um conteúdo específico dirigido ao seu objeto, determinando um tipo de reação frente a ele, em geral, de estranhamento e/ou hostilidade. Desde início, somos influenciados a olhar aquele que não se submete a norma como um estranho perigoso, elaborando falsas crenças e estereótipos, já que na sociedade atual, aquilo que não se consegue controlar, não é admitido ao provocar sofrimento e exclusão. (CROCHÍC, 1996)

A exclusão faz com que os indivíduos com transtornos mentais sintam-se inferiorizados e envergonhados de si mesmos. O preconceito sofrido provoca agravo do quadro psicopatológico devido ao aumento da carga emocional resultante dos traumas. Conseqüentemente, esses indivíduos reagem em relação ao seu meio social, na maioria das vezes, de forma negativa, isolando-se. (BRITO, 2004)

A obra "História da Loucura", expõem que a estigmatização do louco prevaleceu ao longo dos tempos e levou a uma exclusão social desses indivíduos, fazendo-os viverem à margem de uma sociedade dita normal. (FOUCAULT, 1972). Com o passar do tempo muitos estudiosos fizeram uma análise de como essa exclusão social afeta o indivíduo que tem transtornos mentais. É importante ressaltar algumas perspectivas para ter uma ideia mais completa de como esse sistema excludente acontece.

O processo de afastamento, embora atingindo o sujeito e sua subjetividade, não pode ser visto como um modelo individual de culpabilização do indivíduo, mas, numa perspectiva mais ampla, envolvendo as várias formas de relações econômicas, sociais, culturais e políticas da sociedade. Ela inclui não apenas a pobreza, mas também a discriminação, a subalternidade, a não equidade, a não acessibilidade e a não representação pública. (WANDERLEY, 2002)

A exclusão passa por um processo de naturalização o qual é reforçado e reproduzido por meio de representações, crenças e estigmas, os quais também são naturalizados. O estigma é considerado como uma cicatriz, aquilo que marca, denotando claramente o processo de qualificação e de desqualificação do indivíduo na lógica da exclusão o que provoca ainda mais sofrimento. (WANDERLEY, 2002)

O método exclusivo de pessoas com transtornos mentais é um processo sócio histórico, que se configura pela repercussão em todas as esferas da vida social, mas sobressai como necessidade do eu, como sentimentos, significados e ações subjetivas. Destaca ainda que existem diferentes dimensões da exclusão, como a dimensão objetiva da desigualdade social, a dimensão ética da injustiça e a dimensão subjetiva do sofrimento. O próprio excluído e a sociedade de naturalização cria uma aceitação que gera uma atmosfera social de conformismo, compreendendo a condição de exclusão como fatalidade. (BADER, 2002)

Na atualidade, o tratamento se faz sobre maneira pela rotulação, pelo tratamento dos sintomas à base de medicamentos e pela manutenção do doente em instituição psiquiátrica; retirando-o da família, do mercado de trabalho, dos vínculos sociais; excluindo-o da vida em sociedade. “Exclusão, eis aí numa só palavra a tendência central da assistência psiquiátrica brasileira, desde os seus primórdios até os dias de hoje”. (RESENDE, 1994, p. 37)

#### **4. O Combate à Psicofobia**

O dia 12 de abril é considerado o Dia Nacional de Enfrentamento à Psicofobia. Todo ano, a Associação Brasileira de Psiquiatria realiza campanhas nas redes sociais para o combate ao preconceito. A data foi idealizada pela ABP e aprovada pelo Senado Federal em fevereiro de 2016.

A construção do discurso presente nas campanhas pretende o tempo todo denunciar o preconceito contido em relatos que são cotidianamente ouvidos por pessoas que sofrem de diferentes transtornos mentais. Não se trata apenas de conscientizar sobre a existência e identificação do preconceito para quem produz tais discursos, mas também motivar o reconhecimento de quem sofre por isso. (ABP, 2011)

A comunicação de saúde pública está entrelaçada em questões éticas, e seria ideal analisar cada etapa do processo de criação de uma propaganda de saúde antes de torná-la pública. Questionando quais aspectos éticos e morais aparecem nas mensagens. A comunicação de saúde pode precisar de fortes apelos emocionais para receber atenção do público alvo. (GUTTMAN; SALMON, 2004)

As campanhas publicitárias de saúde buscam promover uma resposta emocional. Ainda que a eficácia desse tipo de abordagem não seja comprovada ou posta em questão, é importante entender as intenções por trás da criação de tais campanhas, que emoções buscam evocar e a promoção do combate a psicofobia. (LUPTON, 2015)

A educação deve ser a aliada nesse combate ao preconceito e no despertar da autonomia, através da promoção de um pensar crítico e conseqüentemente, ser possível assim, um respeito à diferença, que a nosso ver, envolveria uma alteração cultural no sentido anticonvencional e ante estereótipo, ou seja, no sentido de oferecer resistência às regras convencionalmente dadas que ferem a imagem do outro, como violento, incapaz e doente. Trazendo cada indivíduo para ocupar seu espaço dentro do mundo, encontrando sua identidade. (CARDOSO, 2012)

Julga-se que a criação dos serviços substitutivos surgiu como produto de algumas mudanças propostas pela Reforma Psiquiátrica, porém, mesmo consolidadas, elas não garantiram ainda a superação dos ideais e práticas manicomiais que somente será possível a partir do momento em que houver o comprometimento dos profissionais, a participação mais efetiva e afetiva das famílias e a destituição do legado manicomial por meio da urgente desconstrução do saber social sobre a forma de ver e entender o transtorno mental. (BRESSAN, 2015)

Será possível o efetivo combate ao estigma e ao preconceito a partir do momento em que houver a maior incidência de campanhas de informação e conscientização e políticas públicas a fim de educar e informar a sociedade quanto à natureza, ao grau e ao impacto dos males que o estigma e o preconceito provocam nos indivíduos com transtornos mentais, a dissipar mitos e incentivar atitudes e comportamentos mais positivos. (MACIEL, 2012)

Outra forma de combate à psicofobia é o Projeto de Lei do Senado nº 74, de 2014 que altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 do Código Penal, para tipificar o crime contra as pessoas com deficiência ou transtorno mental, prevê pena de até três anos para quem praticar injúria contra pessoas com transtorno mental. O projeto ainda está em período de tramitação no Senado Federal e tem autoria do Senador Paulo Davim. (LOBO, 2015)

Acredita-se que conceitos e preconceitos devem sofrer alterações drásticas por parte da sociedade e do sistema de saúde mental. O pensar e a forma de cuidar os indivíduos com transtornos mentais devem passar por transformações. Somente assim esses indivíduos serão vistos como seres humanos dignos de respeito e merecedores de viver integrados em sociedade tendo suas limitações respeitadas pelos seus semelhantes. (WAIDMAN, 2005)

## **5. Considerações Finais**

O panorama mais relevante discutido nesse trabalho foi um estudo histórico e uma análise desde o tempo em que existia diversas denominações para os indivíduos com algum tipo de transtorno mental até a contemporaneidade com o surgimento do termo psicofobia e assim, da dominância de pensamentos psicofóbicos por parte de uma população o que favorece o sofrimento e a exclusão, bem como as tentativas de algum tempo pra cá de combate ao preconceito e desconstrução de uma ideia totalmente deturpada do corpo social.

Todo esse estudo vem sendo realizado pra que ocorra o mais brevemente possível essa mudança de paradigmas. Assim, as campanhas e os outros meios de enfrentamento mostram-se úteis inclusive na questão de trabalharem a desmistificação da psicofobia, uma vez que trazem à tona esse assunto tão importante e que por muitos anos se passava de forma

despercebida ou tímida entre a sociedade. Dessa forma, nota-se que cabe à nós mesmos propagar a oferta de apoio ao próximo, ao invés do preconceito e da desatenção.

## REFERÊNCIAS

ABP, Associação Brasileira de Psiquiatria. **Uma Campanha da Associação Brasileira de Psiquiatria - ABP**. Senado Federal, 2011. Disponível em: <https://www.psicofobia.com.br/> Acesso em 25 de outubro de 2021.

ANTUNES, Mitsuko; Aparecida Makino. **A Psicologia no Brasil**, 2012. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as\\_sdt=0%2C5&q=+A+Psicologia+no+Brasil%2C+Mitsuko+Aparecida+Makino+Antunes&btnG=#d=gs\\_qabs&u=%23p%3DZ1tvIACq9UoJ](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=+A+Psicologia+no+Brasil%2C+Mitsuko+Aparecida+Makino+Antunes&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3DZ1tvIACq9UoJ) Acesso em: 15 de novembro de 2021.

BADER, S. (2002). **Inclusão**: exclusão ou inclusão perversa? Petrópolis: Vozes  
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/hxvDcDvp4wt5p8qT8pfpfN/abstract/?lang=pt> Acesso em: 5 de novembro de 2021.

BRESSAN, VR. Estratégias de desinstitucionalização. **Rev. Psique Ciênc. Saúde**, 2015. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as\\_sdt=0%2C5&q=PRECONCEITO+AOS+INDIV%3%8DDUOS+COM+TRANSTORNO+MENTAL+COMO+AGRAVO++DO+SOFRIMENTO+PREVENTING+INDIVIDUALS+WITH+MENTAL+DISORDERS+AS+A+GRIEVANCE+OF+SUFFERING&btnG=#d=gs\\_qabs&u=%23p%3DASRyyn2hAf4J](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=PRECONCEITO+AOS+INDIV%3%8DDUOS+COM+TRANSTORNO+MENTAL+COMO+AGRAVO++DO+SOFRIMENTO+PREVENTING+INDIVIDUALS+WITH+MENTAL+DISORDERS+AS+A+GRIEVANCE+OF+SUFFERING&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3DASRyyn2hAf4J) Acesso em: 9 de novembro de 2021.

BRITO, HB; Catrib AMF. **Representação Social e Subjetividade do Adoecimento Mental**. Estud Psicol (Natal) maio/agosto, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/bBsQvGsm64sLzGnkhRpF4tt/?lang=pt> Acesso em: 5 de novembro de 2021.

CARDOSO, Alenilton da Silva. A educação especial e inclusiva na perspectiva da dignidade humana. **Revista Em Tempo**, Marília, SP, 2012. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as\\_sdt=0%2C5&q=+A+educa%3%A7%3%A3o+especial+e+inclusiva+na+perspectiva+da+dignidade+humana&btnG=#d=gs\\_qabs&u=%23p%3DOctcY--f98oJ](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=+A+educa%3%A7%3%A3o+especial+e+inclusiva+na+perspectiva+da+dignidade+humana&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3DOctcY--f98oJ) Acesso em: 9 de novembro de 2021.

COLVERO LA; Ide CAC; Rolim MA. Family and mental disease: the hard living with the differences. **Rev. Esc. Enferm USP.** June, 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S008062342004000200011> Acesso em: 25 de outubro de 2021.

CROCHÍCK, J. L. **Preconceito, Indivíduo e Sociedade.** Temas Básicos em Psicologia. São Paulo, 1996. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as\\_sdt=0%2C5&q=Preconceito%2C+indiv%2C%20+e+sociedade.+Temas+B%2C%20+Al+sicosem+Psicologia.&btnG=#d=gs\\_qabs&u=%23p%3DE48mDeZs17MJ](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=Preconceito%2C+indiv%2C%20+e+sociedade.+Temas+B%2C%20+Al+sicosem+Psicologia.&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3DE48mDeZs17MJ) Acesso em: 5 de novembro de 2021.

FREITAS. História da loucura foi a tese de doutorado de Foucault, defendida em 1961 e publicada meses depois com seu título original, **Loucura e Desrazão: história da loucura na idade clássica.** 2004. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/MichelineBatista/publication/264943132\\_Breve\\_historia\\_da\\_loucura\\_movimentos\\_de\\_contestacao\\_e\\_reforma\\_psiquiatica\\_na\\_Italia\\_na\\_Franca\\_e\\_no\\_Brasil/links/53f732b00cf22be01c454a7d/Breve-historia-da-loucura-movimentos-de-contestacao-e-reforma-psiquiatica-na-Italia-na-Franca-e-no-Brasil.pdf](https://www.researchgate.net/profile/MichelineBatista/publication/264943132_Breve_historia_da_loucura_movimentos_de_contestacao_e_reforma_psiquiatica_na_Italia_na_Franca_e_no_Brasil/links/53f732b00cf22be01c454a7d/Breve-historia-da-loucura-movimentos-de-contestacao-e-reforma-psiquiatica-na-Italia-na-Franca-e-no-Brasil.pdf) Acesso em: 15 de novembro de 2021.

FOUCAULT, M. **História da Loucura,** 1972. São Paulo: Perspectiva. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/hxvDcDvp4wt5p8qT8pfpkpfN/abstract/?lang=pt> Acesso em: 5 de novembro de 2021.

GUTTMAN, N; SALMON, C. T. Guilt, **Medo, Estigma e Lacunas de Conhecimento:** questões éticas em Intervenções de comunicação em saúde pública. Bioética, West Sussex. novembro, 2004. Disponível em : [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as\\_sdt=0%2C5&q=Combate+%2C%20+Psicofobia%3A+A+Conscientiza%2C%20+A3o+do+Preconceito+Atrav%2C%20+de+Testemunhos+e+Emo%2C%20+A7%2C%20+B5es1&btnG=#d=gs\\_qabs&u=%23p%3DsxqXrtHkswEJ](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=Combate+%2C%20+Psicofobia%3A+A+Conscientiza%2C%20+A3o+do+Preconceito+Atrav%2C%20+de+Testemunhos+e+Emo%2C%20+A7%2C%20+B5es1&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3DsxqXrtHkswEJ) Acesso em: 9 de novembro de 2021.

LIMA, M.C.P et. al. **Prevalência e Fatores de Risco para Transtornos Mentais Comuns entre Estudantes de Medicina.** Saúde Pública. 15 de maio de 2006. Disponível em: <http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/81/79> Acesso em: 26 de outubro de 2021.

LOBO, Hewdy. Médico Psiquiatra Forense (CREMESP - 114681) para atuação como Assistente Técnico em necessidades advocatícias que abordem avaliação da Sanidade Mental em Processos Cíveis, Trabalhistas, Penais, Família e Saúde. **Psicofobia Pode Virar Crime?** 2015. Disponível em <https://lobo.jusbrasil.com.br/artigos/338367100/psicofobia-pode- virar-crime> Acesso em: 16 de novembro de 2021.

LUPTON, D. **A Pedagogia do Nojo:** as implicações éticas, morais e políticas do uso nojo nas campanhas de saúde pública. *Critical Public Health*, 2015. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=Combate+%C3%A0+Psicofobia%3A+A+Conscientiza%C3%A7%C3%A3o+do+Preconceito+Atrav%C3%A9s+de+Testemunhos+e+Emo%C3%A7%C3%B5es1&btnG=#d=gs\\_qabs&u=%23p%3DsxqXrtHkswEJ](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Combate+%C3%A0+Psicofobia%3A+A+Conscientiza%C3%A7%C3%A3o+do+Preconceito+Atrav%C3%A9s+de+Testemunhos+e+Emo%C3%A7%C3%B5es1&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3DsxqXrtHkswEJ) Acesso em: 9 de novembro de 2021.

MACIEL, S.C. **Reforma Psiquiátrica no Brasil:** a poucas reflexões. *Cad. Bras. Saúde Mental*, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68654> Acesso em: 9 de novembro de 2021.

MACHADO, Roberto. Aos loucos, o hospício. In: MACHADO, Roberto et al. **Danação da Norma:** a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/MichelineBatista/publication/264943132\\_Breve\\_historia\\_da\\_loucura\\_movimentos\\_de\\_contestacao\\_e\\_reforma\\_psiquiatrica\\_na\\_Italia\\_na\\_Franca\\_e\\_no\\_Brasil/links/53f732b00cf22be01c454a7d/Breve-historia-da-loucura-movimentos-de-contestacao-e-reforma-psiquiatrica-na-Italia-na-Franca-e-no-Brasil.pdf](https://www.researchgate.net/profile/MichelineBatista/publication/264943132_Breve_historia_da_loucura_movimentos_de_contestacao_e_reforma_psiquiatrica_na_Italia_na_Franca_e_no_Brasil/links/53f732b00cf22be01c454a7d/Breve-historia-da-loucura-movimentos-de-contestacao-e-reforma-psiquiatrica-na-Italia-na-Franca-e-no-Brasil.pdf) Acesso em: 16 de novembro de 2021.

MILLANIL, B.F.H; Valentell, C.L.L.M. O caminho da loucura e a transformação da assistência aos portadores de sofrimento mental. **Rev. Saúde Mental Álcool Droga.** (Ed. port.). junho de 2008. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as\\_sdt=0%2C5&q=O+in%C3%ADcio+da+assist%C3%A2ncia+aos+alienados+no+Brasil+ou+import%C3%A2ncia+e+necessidade+de+estudar+a+hist%C3%B3ria+da+psiquiatria&btnG=#d=gs\\_qabs&u=%23p%3D8nFyWnXs63sJ](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=O+in%C3%ADcio+da+assist%C3%A2ncia+aos+alienados+no+Brasil+ou+import%C3%A2ncia+e+necessidade+de+estudar+a+hist%C3%B3ria+da+psiquiatria&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3D8nFyWnXs63sJ) Acesso em 15 de novembro de 2021.

RESENDE, H. (1994). **Política de Saúde Mental no Brasil:** uma visão da história. Petrópolis: Vozes. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000100014> Acesso em: 5 de novembro de 2021.

SOARES, RL. **De Palavras e Imagens**: estigmas sociais em discursos audiovisuais. E-Compós. janeiro,2009. Disponível em:  
<http://www.compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/viewFile/377/328> Acesso em: 25 de outubro de 2021.

VECHI, Luís Gustavo. Iatrogenia e exclusão social: a loucura como objeto do discurso científico no Brasil. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, sept. /dec. 2004. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a11v09n3.pdf>. Acesso em: 16 de novembro de 2021.

WANDERLEY, M. (2002). **Refletindo Sobre a Noção de Exclusão**. Petrópolis: Vozes. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000100014> Acesso em: 5 de novembro de 2021.

WAIMAN, Elsen. **O Atendimento Interdisciplinar à Família de um Mental Sujeito de Desordem sob o Paradigma de Desinstitucionalização**. Texto contexto-enferm, 2005. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/tce/a/zgxNmRwTNBSdnjDdSQVL8tJ/?lang=pt> Acesso em: 9 de novembro de 2021.